

# Atividades lúdicas nas aulas de geografia: Experiências na formação docente inicial

## Autores:

### Leonoura Katarina Santos

Geógrafa, Mestra, Doutoranda em Geografia pela Universidade de Uberlândia. Professora de Geografia na rede privada de ensino em Catalão, Goiás

### Robério Francisco de Macêdo

Geógrafo, Mestrando em Geografia pela Universidade de Uberlândia. Professora de Geografia na rede privada de ensino em Catalão, Goiás

### Cláudio José Bertazzo

Geógrafo, Mestre e Doutor em Geografia. Professor da Universidade Federal de Catalão (UFCAT), Goiás

DOI: 10.58203/Licuri.83470

## Como citar este capítulo:

SANTOS, Leonoura Katarina et al. Atividades lúdicas nas aulas de geografia: Experiências na formação docente inicial. In: KOCHHANN, A.; SOUZA, J. O.; OLIVEIRA, H. M. (Orgs.). **Ensino e Educação: Práticas, desafios e tendências**. Campina Grande: Licuri, 2023, p. 92-105.

ISBN: 978-65-999183-4-6

## Resumo

Este estudo apresenta uma proposta metodológica que se realizou no Estágio Supervisionado em Geografia III, com discentes do Curso de Geografia da Universidade Federal de Catalão, direcionadas à turma de 7º ano do Instituto de Educação Matilde Margon Vaz situado em Catalão, Goiás. Teve-se, como objetivo apresentar aos alunos novas formas de apreender Geografia, especialmente por meio de metodologias pouco usuais no ensino da educação básica. No caso desse informe, primou-se pelo o uso do lúdico, a fim de elucidar com maior clareza as transformações frente ao espaço geográfico e cotidiano dos alunos. Evidentemente, as metodologias de ensino utilizadas consistiram no aporte da mediação lúdica, contemplada pela maturação dos conhecimentos pré-existentes dos alunos em conciliação com o conteúdo do currículo e o vivido e percebido do aluno em seu espaço de vivência, sendo este, a própria cidade. A metodologia foi de pesquisa bibliográfica e de campo, com dinâmicas em jogos e brincadeira como o Quiz Geológico e o Bingo. A proposta demonstrou-se eficaz pois houve participação massiva por parte dos alunos, os quais ao interagirem com os temas abordados, instigado pela proposta lúdica, assumiram a construção do próprio conhecimento com autonomia e destreza.

**Palavras-chave:** Estágio supervisionado. Ensino. Ludicidade. Geomorfologia. Física.

## INTRODUÇÃO

O Estágio Supervisionado é uma etapa importante na formação do licenciando em Geografia. Assim, como um momento de confrontos entre pensamentos e teorias, ele proporciona o acesso do aluno ao seu local de experiência e a reflexão, sendo a escola um laboratório repleto de aprendizados, onde ensinamos e ao mesmo tempo somos aprendizes.

O processo de estágio evidentemente vem a contribuir, modificar e dar significados ao docente em formação. É o momento ímpar em que o discente em licenciatura vai ao encontro da realidade, motivando-se às reflexões críticas entre as suas intervenções, a teoria e a prática. O fato é que a prática se aprende com o exercício da docência e, portanto, é na prática que o professor se descobre e descobre segredos sobre de que modo ensinar determinado conteúdo.

O conhecimento da Universidade é tão importante quanto o exercício da prática, afinal, na academia se constroem os conceitos e as bases epistemológicas na qual se fundamentará o conhecimento científico. É desse saber acadêmico que a escola e/ou o aluno precisam/anseiam.

A escola é um lugar de aprendizado para os discentes das licenciaturas, sendo através dela que o aluno, motivado e questionador, busca as soluções e os projetos os quais atendam às suas necessidades e às da comunidade escolar. O Estágio Supervisionado em Geografia é o momento em que o licenciando vivencia, de forma efetiva, a prática docente. É a partir da prática que se busca promover o desenvolvimento dos conhecimentos práticos e teórico adquiridos durante o curso de Geografia.

Nesse sentido, o estágio constitui o confronto necessário entre o que é ser professor na Academia e ser professor na realidade da escola pública de educação básica brasileira. Desse modo, é possível ir ao encontro do pensamento de Mafuani (2011), o qual ensina que:

A experiência do estágio é essencial para a formação integral do aluno, considerando que cada vez mais são requisitados profissionais com habilidades e bem preparados. Ao chegar à universidade o aluno se depara com o conhecimento teórico, porém muitas vezes, é difícil relacionar

teoria e prática se o estudante não vivenciar momentos reais em que será preciso analisar o cotidiano (MAFUANI, 2011, p.13).

No contexto atual, aprender a ensinar Geografia, frente aos desafios, requer do profissional adaptar-se às modificações ocorridas na sociedade, adequando o conhecimento da ciência geográfica, os recursos e materiais à realidade vivida pelo aluno. Para Barreiro e Gebran (2006), a formação inicial do professor é a busca por uma base de conhecimentos que visam à docência, o que servirá de suporte para o exercício do ser professor. Sobretudo, é imprescindível considerar os contextos de seus alunos e da comunidade em que estão inseridos.

Assim, a formação inicial do professor em Geografia, principalmente por meio do estágio, corresponde ao primeiro compromisso de uma prática voltada para a formação, primeiramente de cidadãos críticos, capazes de intervir na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Ademais, o elo entre a universidade e a escola deve propiciar a renovação de práticas e metodologias de ensino que envolvam os alunos da escola em prol da motivação para buscar o conhecimento da ciência geográfica. Nesse circuito, é circunscrita a justificativa desta pesquisa, que resulta no presente artigo.

Portanto, o Estágio Supervisionado em Geografia busca propiciar aos licenciandos não somente a observação de quais estratégias devem ser desenvolvidas para se ministrar uma boa aula, mas, também, de como apropriar-se deste ambiente de conhecimento e realidades distintas para a construção de uma prática eficaz, que atribua à Geografia um significado além da descrição e observação, rumo ao ensino motivador e renovador.

Visto que as aulas de Geografia podem ser ministradas de inúmeras maneiras, proporcionando que os alunos protagonizem discussões sobre as transformações do espaço em que estão inseridos, a elaboração da Oficina de Geologia, que aqui será exposta, objetivou possibilitar que os discentes compreendessem a dinâmica interna e externa do planeta Terra, desde um ponto de vista local, no caso o município de Catalão (GO) até o global, por meio de aulas dinâmicas.

O objetivo geral desdobra-se em outros específicos como: possibilitar através de metodologias já existentes novos conhecimentos contextualizado com realidade local, adaptando dessa forma as condições dos alunos e professores. A oficina foi planejada em quatro aulas baseadas na técnica expositivo-dialógica, segundo o modelo socrático dos diálogos.

Para Ferreira e Silva (2011, p. 37) esta metodologia de ensino compreende “uma reflexão investigante, ou seja, estimula a especulação em vez de oferecer a doutrina”. Pensando nisso, essa iniciativa foi mesclada com momentos de instrução direta, em que as imagens e os conceitos eram apresentados como forma de proporcionar que os alunos internalizassem os conhecimentos por meio das conexões com os saberes que já dominavam. Resumidamente, buscou-se, a partir dos conhecimentos prévios dos alunos, construir competências e exercitar habilidades.

Assim, com o intuito de concretizar tal proposta frente ao Estágio Supervisionado em Geografia III, decidiu-se utilizar as metodologias alternativas como, por exemplo, jogos nas aulas de Geografia.

Finalmente, o objetivo deste estudo que esteve centrado em apresentar e proporcionar aos alunos algumas estratégias didáticas de apreender Geografia, especialmente por meio de metodologias desencaroçadas, pouco usuais no ensino da educação básica. Por desencaroçadas queremos dizer o uso de metodologias ativas em que os alunos participam e são o centro da aprendizagem.

## METODOLOGIA

O roteiro metodológico desse artigo seguiu, na primeira etapa, por meio revisão bibliográfica dos teóricos que fundamentam as discussões aqui postas e também como aporte teórico para as aulas e oficinas desenvolvidas. Esses últimos estão na base das aulas preparadas e desenvolvidas com as turmas do 7º ano. As atividades formativas passam a ser descritas em seus procedimentos metodológicos.

O intuito da oficina foi dinamizar os conteúdos de Geografia/Geomorfologia com os alunos do 7º ano do ensino fundamental II do Instituto de Educação Matilde Margon Vaz. Ressalta-se que os conteúdos foram trabalhados com as duas turmas do 7º ano e a participação, bem com a presença, foram bem próximas da plenitude dos matriculados. Foram ministradas quatro aulas sobre a temática: O Planeta Terra. O fundamento da oficina baseou-se em realizar uma mediação didática significativa do conteúdo geográfico, por meio de construção e desconstrução de conceitos e aprendizagem embasados nos conhecimentos prévios dos alunos. Nessa direção, proporcionou-se aos alunos uma aula

diferenciada, em que professores e alunos desenvolveram conceitos por meio de questionamentos e exame de ideias e teorias sobre o planeta Terra.

Abordaram-se, com os alunos, a partir do exame de imagens e vídeos, os conceitos sobre: Teoria da deriva continental, teoria da tectônica de placas, os tipos de rochas e a dinâmica interna e externa da terra, com ênfase no município em questão. Foram exibidos, também, exemplares de rochas sedimentares e metamórficas para ilustrar e construir o conceito do ciclo das rochas.

A seguir, porém, dentro da mesma temática, utilizou-se o relevo da região Centro-Oeste como base para exemplificar a dinâmica interna e externa do planeta. Demonstrou-se a formação de grandes cordilheiras como os Andes e o Himalaia, e as ocorrências de terremotos e tsunamis recorrentes no Japão, para esclarecer sobre os processos mais comuns que se sucedem nos limites das placas tectônicas, a evoluir-se de uma escala global para uma local. E, a fim de fazer uma mediação didática em que os escolares pudessem refletir, questionar, abstrair e internalizar os conteúdos, por meio de suas vivências, lançou-se mão da estratégia de ensino dos jogos didáticos, baseando-se em concepções trazidas por Cavalcanti (2005, 2008); Castrogiovanni e Costella (2006); Libâneo (1994); Silva e Bertazzo (2013), dentre outros. Desta forma, no desenvolvimento das aulas utilizou-se a seguinte sequência metodológica:

- 1° passo: Apresentar o conteúdo;
- 2° passo: Fazer questionamentos fazendo uso da Maiêutica;
- 3° passo: Explanar sobre os temas, levantando provocações, instigando a participação dos alunos e esclarecendo dúvidas;
- 4° passo: Utilizar exemplares de rochas como meio para construir conceitos sobre os três tipos de rochas e depois identificar a litologia do município de Catalão (GO), visualizando exemplares de rochas locais;
- 5° passo: Jogar o *Racha Cuca Geológico*;
- 6° passo: Jogar o Bingo Geológico;
- 7° passo: Finalizar o conteúdo estudado por meio de uma revisão e de um diálogo aberto com todos os alunos.

Os temas no qual foram trabalhados estão articulados com o Currículo de Geografia publicado no Currículo de Referência da Rede Estadual de Goiás (2012). Os conteúdos “Vegetação, clima, hidrografia, relevo e solos do Brasil. Domínios morfoclimáticos, ecossistemas”. Fazem parte do eixo temático: Social - Cartográfico - Físico territorial direcionados para o 3º bimestre do 7º ano, Ensino Fundamental II.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na oficina de Geomorfologia e Geografia física, foram trabalhados os conteúdos do currículo escolar, mesclado com o espaço vivido e percebido pelos alunos na paisagem da cidade de Catalão (GO). Em sequência, foram estabelecidas premissas ao conhecimento geográfico de cunho local, estendendo-se ao panorama global.

Como ferramenta para o exercício prático, após esta oficina, os alunos participaram de jogos designados de “Racha Cuca Geológico” e “Bingo Geológico”, respondendo perguntas em equipe, cujos desafios/questões eram projetados pelo *Data show*. A prática, além de proporcionar uma revisão dos conceitos construídos, garante a socialização dos alunos entre si, à medida que dialogam e entram consenso para responderem as perguntas. Diante disso, observou-se que a participação dos alunos ocorreu abundantemente, mais intensamente em relação às aulas convencionais, sendo fato evidenciado que a técnica do lúdico/jogo didático proporcionou e proporciona um meio apropriado para ultrapassar as limitações de ensino e aprendizagem, desde que esteja conciliada ao planejamento em uma mediação didática, com estratégias e materiais de apoio diversificado.

A primeira aula contemplou o 1º, 2º e 3º passo da sequência metodológica. Dessa forma, após a apresentação dos estagiários aos alunos, levantou-se a questão do eles entendiam sobre os aspectos geológicos da terra e do Município Catalão. Foram provocados, assim, questionamentos a partir do que era comum aos escolares e seu local de vivência, como: Como vocês imaginam que seja o interior do nosso planeta? Ele tem camadas? É dinâmico? No município de Catalão tem-se duas formações dômicas que são as fontes das jazidas minerais. Vocês acham que houve algum tipo de atividade vulcânica no passado? A maioria dos alunos mesmo tendo visto os aspectos geológicos no 6º ano, não se atentaram em responder inicialmente as perguntas apenas posteriormente passaram a interagir com os interlocutores. Foi apresentada, como exemplo, a formação dômica de

Caldas Novas para explicar esse tipo de relevo a partir das distintas concepções de Valter Caseti e Ab’Saber.

Inicialmente o diálogo partiu da Teoria do Big Bang seguindo para a Tectônicas de Placas. A temática *chamou bastante atenção*, pois os alunos do 7º ano, no decorrer da discussão, fizeram inúmeros questionamentos e, quando eram indagados, uma considerável parte debatia sobre a temática. No decorrer da aula foram projetadas 3 animações curtas: A Teoria do Big Bang, Tectônica de Placas e o Tempo Geológico. Alguns questionaram como era possível identificar as camadas da terra, então fez-se algumas considerações sobre.

Na segunda aula, realizou-se uma breve análise do que foi exposto anteriormente, e, em seguida, mostrou-se uma sequência de imagens sobre a Teoria da Deriva Continental, comparando as espécies encontradas no Brasil e na África, e como foram feitos os estudos que fundamentaram essa teoria, utilizando o mapa-múndi para identificar as partes encaixantes dos continentes. Foi projetado, igualmente, um mapa seguido de uma animação 3D que revelava a fragmentação de Pangeia nos últimos 250 milhões de anos, o que demonstrou surpresa da parte dos alunos.

Para tais explicações, recorria-se a exemplos que facilitassem o entendimento, partindo de recortes conhecidos aos alunos como aspectos do Planalto Central Brasileiro, com enfoque referente aos acontecimentos no final do período terciário como a formação da geologia local do município. Isso posto, partiu-se à explicação dos limites de placas, utilizando imagens para ressaltar como ocorrem os limites convergentes, divergentes e transformantes. Apontando para os limites convergentes exemplos como o orógeno colisional dos Andes e o Himalaia. Para os limites divergentes a dorsal mesoatlântica e o *rift vale* na África. E por fim, os limites transformantes foram explanados a partir da falha de San Andres.

Posteriormente, ao se trabalhar com o tema do ciclo das rochas, recorreu-se a litologia da cidade de Catalão (GO) apresentando, aos alunos, cada tipo de rocha a partir de exemplares coletados na região. Como exemplo, o basalto comum no município, que pode ser observado na canalização de umas das principais avenidas da cidade. A partir disto, começou o jogo “Racha Cuca Geológico” (Figura 1). Ele era composto por 40 questões e foi construindo a partir do programa *Power Point* com a efetivação da ferramenta *Hiperlink*, com alternativas de “A” a “D” e questões discursivas, visualizada em projetor de vídeo.



Figura 1. Painel do Racha Cuca Geomorfológico (imagem esquerda) e a primeira pergunta do jogo (imagem direita). Fonte: Os autores (2022).

Para realização da atividade dividiu-se a turma em 4 grupos. Desse modo, o grupo escolhia um número ao clicar sobre ele, e era direcionado a uma pergunta. Conforme acontecia a dinâmica, eram feitas as resoluções das dúvidas, esclarecendo as questões. Como o jogo possuía muitas questões discursivas, os alunos, às vezes, demoravam a responder, então era dito que poderiam fazer as resoluções conforme entenderam as explicações, priorizando que houvesse resposta, independentemente de certo ou errado. Na Figura 2 há o registro fotográfico dos alunos divididos em grupos durante a dinâmica.



Figura 2. Foto da Oficina de Geomorfologia. Fonte: Os autores (2022).

Para a elaboração do Bingo de Geografia Física, foram formuladas 25 questões, sendo que o jogo foi produzido para trabalhar com até 100 cartelas, com pouco mais de 2.500 combinações diferentes, não havendo cartelas repetidas. Cada cartela com 25 opções para marcar, produzida através do gerador de tabelas do programa Microsoft Excel. As fichas com as perguntas e respostas foram enumeradas de forma correspondente.



Inicialmente, foram feitos questionamentos como: Para vocês há diferença entre as rochas magmáticas, sedimentares e metamórficas? O relevo dômico ocorre, na maioria das vezes, por intrusão magmática. Com base nessa informação, vocês sabem dizer se aqui na cidade houve algum tipo de atividade vulcânica? Em seguida, após explanações e diálogos sobre as temáticas propostas, utilizou-se um ovo cozido para fazer uma alusão às camadas, além de exemplares dos três tipos de rochas.

Posteriormente, todos começaram a jogar o bingo, constando que a dinâmica da atividade realizou-se seguindo os pontos:

- 1° Explicação aos alunos que o preenchimento deve ser feito de caneta;
- 2° Foi distribuído as cartelas para cada aluno, cada uma com as 25 alternativas;
- 3° Em recipiente havia números de 1 a 25, um aluno aleatório escolhia um número;
- 4° Após a escolha do número lia-se a pergunta com conotação;
- 5° O vencedor devia anunciar *Bingo*;
- 6° O professor só iniciava uma nova rodada após todos os alunos terem finalizado a etapa.

Os alunos se mostraram eufóricos com a atividade, grande parte não sabia como se jogava o Bingo, havendo a necessidade de uma explicação mais detalhada da dinâmica, para eles o jogo era algo novo e divertido que aparentemente *chamou muita atenção*. As perguntas podem ser vistas na Tabela 1.

Diante das questões, os alunos tiveram diferentes percepções de escalas partindo do lugar de vivência. Silva e Bertazzo (2013) fundamentam que “considera-se necessário que estes conceitos estudados, elaborados e reelaborados com o apoio da realidade vivenciada pelos alunos e suportados pelo seu estágio de desenvolvimento intelectual, se transformem em aprendizado significativo da Geografia” (SILVA; BERTAZZO, 2013, p. 354).

A oficina de Geologia foi concebida para proporcionar uma mediação didática com estratégias nos jogos didáticos, utilizando largamente o diálogo com o alunado. Como afirma Cavalcanti (2005), quando ressalta que o papel do professor é de mediador que propicia a inter-relação entre o sujeito e o conteúdo escolar, sabe-se que a mediação didática é a mais importante dimensão da construção do saber.

Desta forma, todos os estagiários cumpriram este objetivo, sempre se colocando como mediadores da aprendizagem, observando evidentemente a posição dos alunos como

atores principais no processo de ensino-aprendizagem. A elaboração de um plano de aula com sequência metodológica interativa proporcionou aulas com leveza, boa fluidez e uma boa construção teórica com muitos diálogos, por meio da ludicidade. Os alunos, por vezes, demonstraram a preocupação em decorar, e contrapôs-se que não havia tal necessidade. No começo dos questionamentos, poucos responderam, porém, ao decorrer da aula, houve uma maior participação dos alunos, consubstanciando a relevância do diálogo.

**Tabela 1.** Quadro com algumas perguntas e respostas do Bingo de Geografia Física aplicado nas turmas do 7º durante as oficinas do Estágio Supervisionado.

Questões	Respostas
1. Anomalia térmica relacionada a reações cristal químicas e a correntes de convecções que ocorrem na base do manto, <i>que provocou um arqueamento formando os domos de Catalão chaminé I e II.</i>	Pluma Mantélica
2. Limites em que as falhas das placas se deslocam horizontalmente uma em relação à outra, ou seja, deslizam uma ao lado da outra. Havendo atrito entre elas provocando terremotos e alguns falhamentos como a falha de San Andreas?	Transformantes
3. É um fenômeno geológico que ocorre do interior da Terra para a superfície, quando há o extravasamento do magma em forma de lava, além de gases, poeira e rochas. Esse fenômeno é responsável pela formação dos basaltos presentes na canalização revestida de caixas gabião, no córrego da Av. Raulina f. Paschoal, em Catalão (GO).	Vulcanismo
4. Estrutura geológica local de Catalão e regional (Goiás), considerada um dos mais antigos do território brasileiro e da Plataforma Sul Americana, denominado Complexo indiferenciado _____.	Granito-gnaisse
5. Movimentos tectônicos no sentido horizontal, provocando dobramentos como a cordilheira dos Andes.	Orogênese
6. Camada interna da terra em que encontramos o material magmático.	Manto
7. É um dos metais que mais resistem à corrosão e é explorado em Catalão (GO).	Nióbio

A ludicidade possui o seu conceito muito além do ato de brincar, ouvir música, uso de jogos, danças e atividades rítmicas. Através das práticas lúdicas, os alunos podem desenvolver o autoconhecimento, autonomia, aprendendo, por meio das regras, a respeitar o outro e a praticar os princípios da cidadania. No ensino de Geografia, as atividades lúdicas promovem a criatividade, o raciocínio, o pensamento crítico e outras atividades cognitivas dos aprendizes, através da criação de materiais didáticos, dinâmicas,

jogos, músicas que trabalham o conhecimento geográfico, como ensina Brondani (2010, p. 2): “a prática da ludicidade no ensino provoca o aluno em todas as suas habilidades”. Destacam-se, então, aplicações dos jogos com base lúdica na oficina como muito satisfatórias, nessa etapa a grande maioria até os que não se mostraram tão ativos durante as aulas participaram de forma empolgada, pois como elucida Vygotsky (1994, p.54) “a brincadeira tem um papel fundamental no desenvolvimento do próprio pensamento da criança”. Da mesma forma que em conjunto, discutiam e analisavam as perguntas a fim de respondê-las, partindo do interacionismo e a sociabilidade entre estes em função das suas zonas de desenvolvimento real e proximal. Dessa forma, conseguiu-se realizar as questões do jogo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio de alternativas metodológicas, como os recursos lúdicos, pode-se tornar uma aula repleta de diferencial. Com a gama de ferramentas audiovisuais e digitais disponíveis, é possível potencializar as aulas para um modelo atrativo e, assim, contribuir para a aquisição do conhecimento. Nesse sentido, o trabalho aqui exposto buscou, a partir das experiências vivenciadas pelos os alunos de estágio em Geografia, desenvolver, em sala de aula, uma mediação didática significativa, com o intuito de propiciar aulas mais dinâmicas, pois, ao proporcionar o contato do alunado com outros recursos e materiais de apoio, traçando como relevante a prática dialógica, concede-se um espaço para questionamentos e discussões, tendo em vista que professores e alunos constroem toda a aula, para além do livro didático.

Por mais que o desenvolvimento da aula se apresente como expositivo, os estagiários, em seu momento de experiência, buscaram trabalhar os conceitos da ciência geográfica de forma significativa, fazendo sempre uma ligação com os alunos entre o seu local de vivência e o global. Com esse propósito, observou-se que os escolares participaram ativamente da oficina desenvolvida pelos acadêmicos de Geografia, obtendo maior participação na aula, com perguntas e relatos.

Considera-se que os resultados obtidos ao longo da pesquisa alcançaram satisfatoriamente os objetivos almejados, devido a isso, levantam-se considerações de

que todas as atividades obtiveram excelentes resultados, demonstrando, de forma concisa, a ruptura com a tradicional monotonia dos livros didáticos.

Destaca-se, por fim, que o lúdico entrelaçado ao conteúdo está longe de ser apenas um momento de brincadeira sem significado, pois contribui para o desenvolvimento cognitivo do sujeito, propiciando a aquisição do conhecimento por meio de habilidades, da criatividade não somente do aluno, mas também do professor. Portanto, a partir da ludicidade aos alunos, ofertou-se uma ação ativa em toda a oficina e durante o jogo. Em suma, a consolidação do conhecimento, a partir de uma mediação didática lúdica e significativa, mostrou-se uma via necessária para ultrapassar as limitações do ensino e aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Marina. *O uso das tics na educação a distância. Monografia*. Instituto Federal ANDRADE, Rosana Cássia Rodrigues; RESENDE, Marilene. Aspectos legais do estágio: uma retrospectiva histórica. *Revista Multitexto*, [S.l.], v. 3, n. 1, p. 58-64, jun. 2015.

ARAÚJO, Raimundo Lenilde de. *Ensino de Geografia: perspectiva histórico-curricular no Brasil republicano*. 2012. 139f. - Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2012.

BARREIRO, I. M. F.; GEBRAN, R. A. *Prática de Ensino e Estágio Supervisionado na Formação de Professores*. São Paulo: Avercamp, 2006.

CASSETI, Valter. *Geomorfologia*. [S.l.]: [2005].

CASTROGIOVANNI, A. C. & COSTELLA, R. Z. *Brincar e cartografar com os diferentes mundos geográficos: a alfabetização espacial*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

CAVALCANTI, L. de S. *Ensino de geografia e diversidade: construção de conhecimentos geográficos escolares e atribuição de significados pelos diversos sujeitos do processo de ensino*. In: CASTELLAR, Sonia (org.) *Educação geográfica: teorias e práticas docentes*. São Paulo: contexto, 2005.

CAVALCANTI, L. de S. *A geografia escolar e a cidade: ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana*. Campinas: Papirus, 2008.

COLOMBO, Irineu Mario; BALLÃO, Carmen Mazepa. *Histórico e aplicação da legislação de estágio no Brasil*. *Educar em Revista*, Curitiba, v. 53, p.171-186, set. 2014.

BRASIL. *DECRETO-LEI Nº 4.073, DE 30 DE JANEIRO DE 1942*. Estabelece as bases de organização e de regime do ensino industrial. Disponível em: < <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-4073-30-janeiro-1942-414503-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em 2 fev. 2023.

BRASIL. *Lei nº 11.788, de 25 de agosto de 2008*. Estabelece as bases de organização e de regime do ensino industrial. Disponível em: < >. Acesso em 2 fev. 2023.

BRONDANI, D. S.; ORTIZ A. C. M. *Práticas lúdicas no ensino da geografia em escolas de ensino fundamental da cidade de Restinga Sêca-RS. Monografia* (Graduação em Geografia) Restinga Sêca/RS, 2010.

FERREIRA, Renée A. S.; SILVA, Fábio Wellington Orlando da. *Aplicação da maiêutica em atividades formativas de introdução à engenharia. Educação & Tecnologia*, [S.l.], v. 9, n. 1, fev. 2011.

FERREIRA, Leiko Nnemoto de Barcellos. *Alfabetização cartográfica e formação do professor: Um aprendizado significativo. Dissertação* (mestrado em Geografia) - UNISAL - SP. São Paulo, 2015.

JÚNIOR, Fernando César Rocha Lira. *Contribuições do Estágio Curricular Supervisionado na formação do docente de Geografia. Geosaberes, Fortaleza*, v. 8, n. 14, p. 48-64, jan./abr. 2017.

LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez 1994.

LOPES, V.G. *Linguagem do corpo e Movimento*. Curitiba, PR, 2006.

LOPES, Antônia Osima. *Aula Expositiva: Superando o Tradicional*. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org). *Técnicas de ensino: por que não?* - 21° ed. Campinas-SP: Papyrus, 2011.

MAFUANI, F. *Estágio e sua importância para a formação do universitário*. Instituto de Ensino superior de Bauru. 2011. Disponível em: <http://www.iesbpreve.com.br/base.asp?pag=noticiaintegra.asp&IDNoticia=1259>. Acesso em: 10 mai. 2019.

MARTINS, Rosa Elisabete Militz W.; TONINI, Ivaine Maria. *A importância do estágio supervisionado em Geografia na construção do saber/fazer docente*. In: *Geografia, Ensino & Pesquisa*, Vol. 20, n.3, p. 98-106, 2016.

MESQUITA, D. N. C. (2005). *Estágio e Ensino e Aprendizagem de inglês na Licenciatura em Letras. Goiânia: UFG, 2005. Tese* (Doutorado em Letras e Linguística), Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, 2005.

PASSOS, M. M. dos. *Biogeografia e Paisagem*. Programa de Mestrado-Doutorado em Geografia FCT-UNESP/ Presidente Prudente; Programa de Mestrado em Geografia UEM/ Maringá: 1998.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. *Estágio e docência*. São Paulo: Cortez, 2004.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. *Estágio e docência: diferentes concepções*. *Revista Poiesis* - Volume 3, Números 3 e 4, p.5-24, 2006.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. *Instituto de Educação Matilde Margon Vaz*. 2017.

PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE GEOGRAFIA - *Licenciatura, da Regional Catalão*. 2014. Disponível em: [https://geografia.catalao.ufg.br/up/513/o/Matriz\\_Curricular\\_Licenciatura.pdf?1517505081](https://geografia.catalao.ufg.br/up/513/o/Matriz_Curricular_Licenciatura.pdf?1517505081). Acesso: 09/04/2019.

SILVA, L. C.; BERTAZZO, C. J. *O lúdico, a Geografia e a mediação didática*. *Revista Georaguaia*, v. 3, p. 343-358, 2013.

VESENTINI, José Wiliam. *Geografia crítica e ensino*. In: OLIVEIRA, Arioaldo Umberlino de (org.). *Para onde vai o ensino de Geografia?* 5ª ed- São Paulo: Contexto, 1994.

VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.